

A HISTÓRIA DE UM LOBO MANSO

JÚPITER

Joviano Gonçalves dos Santos

Faculdade de Letras

Há algumas amizades que são como vontades repentinas de nosso paladar humanístico que, às vezes, requer ou serve-se do contato mútuo, tal como de um sorvete. Rapidamente o sorvete é lambido e saboreado, derrete-se, desfaz-se ao ritmo do que se fala, com bom gosto, deixando algumas cascas de saudade.

E finalmente, só para lamber os beijos, uma grande amizade é como a fome que sempre volta, incitada pelo cheiro do bife.

É mais ou menos esse o caso de Epaminondas, que, aliás, tinha como nome de cartório Leônidas, mas este não acompanhou sua fama até ao refeitório, que era seu maior campo de mortalha. Por razões não lembradas por mim agora, Epaminondas foi o nome que lhe dera um gaiato colega, também de colégio. Seu nome não lembro mais. Portanto, «Leônidas», apesar de ser um nome imponente e felino, ficou domesticadamente apenas no papel ou no seu cardápio de nascimento; ficou deixado à poeira como imenso cardápio em restaurante de prato feito.

De espaço em espaço de tempo, depois de grandes, a gente se via: ou eu o procurava, ou ele a mim. A gente se encontrava não tão freqüentemente como a fome que nos bate

e se abate sobre e dentro de nós. Enfim, mastigávamos palavras juntos, por acaso ou de propósito.

Epaminondas não era muito de trabalho, apesar de não ser muito bem nutrido de dinheiro. Contou-me que, uma vez, ficou sabendo de uma enorme firma na cidade que oferecia fartos banquetes de natal para os famintos empregados e que estava recrutando candidatos para várias funções. E não se deu outra coisa. Epaminondas, com água na boca, uniu sua necessidade financeira temporária a seu eterno apetite. Foi depressa colocar-se à disposição e sentar-se à mesa à espera da ceia, ou melhor, da contratação, feita numa grande mesa que lhe lembrava imediatamente o momento tão apetecido.

Trabalhou na firma insaciavelmente seis meses. Entrou em julho. Foi meio ano de apetites e sonhos mal renumerados e dificilmente saciados por uma empresa multinacional que lhe reservou apenas um inexpressivo cargo, através do qual lhe servia apenas o salário-miserico. Apesar de ser razoavelmente estudado, disse que aceitou porque estava com fome, mas sabia, o dinheiro não dava nem para sua comidinha.

No final de seis desérticos meses veio o seu grande prato, aliás, dia. E ele comeu, comeu, comeu impetuosamente e com fúria. Com avidez e silêncio ele triturava tudo. Pensava, como por vingança dos seus penosos e desnutridos dias de trabalho, «falar» aquele gigante empresarial com apenas uma arma: seu profundo apetite. Não conseguiu realizar esse rebelde intento, mas conseguiu outra coisa: faliu sua fome. Não completamente, mas o bastante para aliviar sua subversividade estomacal. Não digo que ele matou sua fome porque ela era nele algo imortal, ressuscitável.

Disse-me que esse foi um dos dias mais felizes — ou fartos — de sua vida. Então, eu quis saber se continuava na empresa e ele me contou que fora mandado embora duas semanas depois, porque a firma descobriu que, em relação às despesas de banquete dos anos anteriores, a daquele ano havia sido cinco vezes maior.

Como vários chefes da companhia estavam presentes àquela festividade em homenagem a «São Baco», ficou visivelmente

claro que ele era um sujeito desejoso como também indesejado à boa ordem dos lucros da empresa. E certamente, para conter gastos internos, resolveram vomitá-lo bem antes de haver algum problema como organismo da empresa.

Nunca aparentou nenhuma preocupação por ter perdido aquele emprego, pois dizia que, afinal de contas, «melhores bifés ainda virão».

Lembro-me de Epaminondas numa outra vez em que recebi uma carta me convidando para almoçar com ele, na casa de seus avós, que o criaram desde a sua faminta infância. Eu fui naquele domingo seguinte reencontrar o — para mim — carismático amigo, com seu longo nariz — como símbolo de sua curiosidade de provar comidas; sua boca semi-afundada, com dentes largos feito ponta de faca de mesa, a mordicar carinhosamente meu nome, ao me apresentar para os seus avozinhos simpáticos e bem alimentados de dinheiro. Ao acaso, reparei rapidamente em seu porte de atleta do garfo, sadio, delgado.

Tive uma profunda surpresa: Epaminondas comeu pouco. Tanto quanto ou menos do que eu. Insisti com ele para comer mais e, para me satisfazer, tirou apenas um bocadinho. Fiquei preocupado, pensando que eu era comilão.

Tentei descobrir se ele estava doente, pois o achei muito bem comportado, em regime, anorético. Depois ele me segredou, com malícia, que não tinha a menor intenção de triturar o patrimônio de seus avós. Desconfiei que ele estava se guardando para ocasião mais voraz.

Fiquei por algum tempo iludido de que Minondas tinha perdido seu talento bucal. Conversamos bastante, ainda à mesa. Falamos de muita coisa. Falei até de festa junina, quando o convidei para ir comigo a uma tradicional, na fazenda de um amigo meu, naquele ano. Ele logo se interessou pela idéia e disse com toda sua força oral e gutural: «Quê vai ter de comer lá?»

Enquanto lhe falava da farta canjica que sempre havia lá, notei que ele devorava minhas palavras e, inconscientemente, começou a tirar comida outra vez. Pouco falava, enquanto eu

lhe explicava o dia, como lá chegar, as danças, bebidas, etc. Ele só ouvia e engolia tudo; comia, comia, sorria e sonhava boquiaberto. Por motivo de força estomacal maior, ele esqueceu-se do patrimônio dos avós e voltou, com voracidade, a comer até entardecer. Era vergonhoso vê-lo comer tanto. Mas eu nunca me opunha a ele. Respeitava e aceitava seu jeito de degustar a vida. Afinal para ele, viver era uma prazer oral. E se eu ou alguém o contradissesse, ele vomitava: «Como; logo existo».

Epaminondas e eu fomos à festa. Ao chegar bem perto, na descida da chácara, ainda a uns mil metros da casa que ficava atrás de imensas árvores, era já noite. Ele não notou logo as lâmpadas e as bandeirinhas pontilhadas lá na frente, pois estava com os olhos embaralhados de fome. Voltou-se rapidamente para mim e gargarejou: «Quedê a festa?». Mostrei-lhe e caminhamos em silêncio, às pressas. Ele quase não ligava para mim quando eu conversava. Insistia em manter-se calado. Seu objetivo era alcançar aquele buraco onde se escondia a festa. Queria, depressa, pôr lá seus pés, boca e estômago. Quando perguntava algo, era sobre coisas da festa, da qualidade, quantidade e só.

Chegamos. Cumprimentamos os donos da casa, alguns amigos e conhecidos. Ficamos a conversar numa roda de «canjicófagos» por muito tempo. A festa acontecia a todo vapor, cheiros, sons, vozes, fogos, danças, gritos, bebidas e vasilhas da apetitosa canjica giravam na casa e no quintal.

Já estávamos sendo servidos, quando eu reencontrei duas cheirosas e apetitosas amigas que nos deram cobiçadas boas-vindas com os olhos. Eu piscava para Epaminondas, tentando insinuar coisas românticas (sobre as moças, é claro!) e ele nada! Mal respondeu à apresentação a uma delas. Gargarejou seu «muito prazer» sem nem piscar ou largar o prato. Recostado a uma escada e desinteressado delas ele ficou, até que se fosessem. Eu querendo coisas eróticas e ele pensando coisas glutônicas. Procurei forçá-lo a falar das moças, o que ele achava, e ele com muito custo arrotou sua idéia: «Mulher atrapalha o apetite».

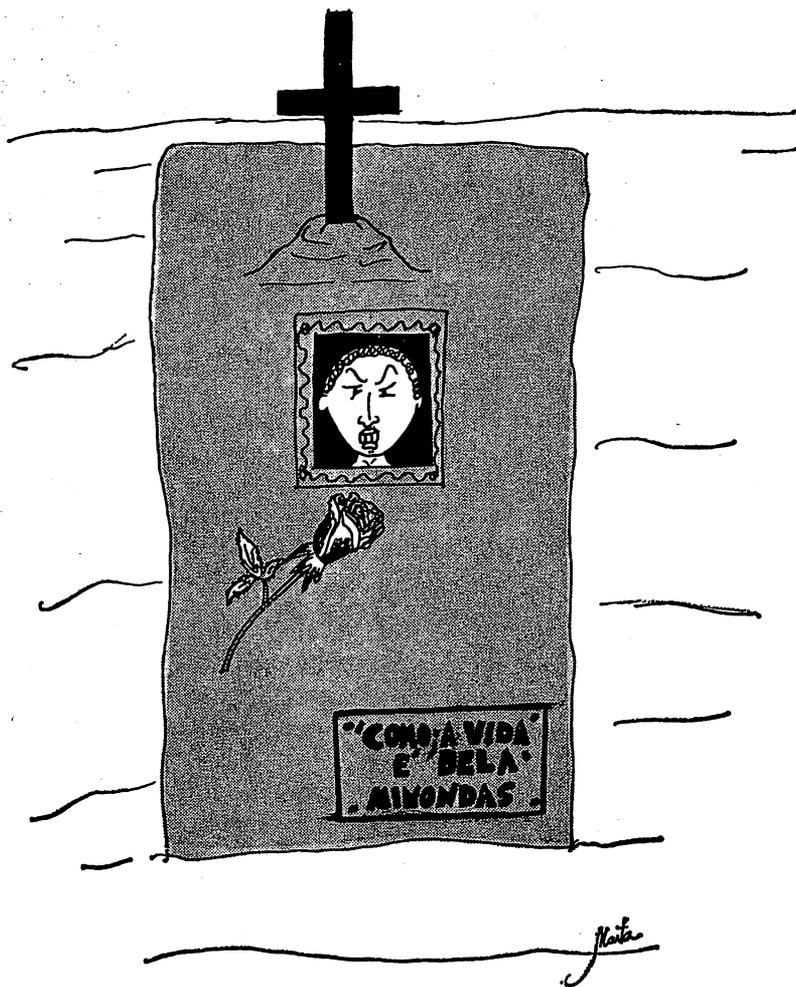
Minondas separou-se de mim no meio daquele movimento todo. Perdeu-se na festa, ou melhor, achou-se à vontade e às fartas. Falou-me que estava «gostoso». Sua canjica era primeira necessidade, em relação a amigos e outras diversões senão comer.

Era já alta a noite quando dei falta dele. Saí em busca: dançando eu sabia que ele não estava. Pude encontrá-lo na chácara, sozinho, bem longe da casa, de pé, curvado para frente. Duvidei, mas cheguei a pensar que ele estivesse sentindo-se muito mal. Despreocupe-me ao lembrar que ele não era dessas fraquezas estomacais. O que Epaminondas estava sentindo era mesmo o retorno de sua mais prendosa, talentosa e infinita fome, acompanhada da glotonice de comer ou tomar toda a canjica saborosa quanto pudesse. E para isto, ele precisou enfiar a mão na garganta e desobstruir seu estômago para o doce ato do bem-comer. E logo, logo voltou para a festa, ávido, sadio e esbelto, como um atleta que retorna ao estádio, depois de um pequeno intervalo. Mastigou até ao amanhecer.

Depois desse dia, demorei a ter notícias de Epaminondas. Passamos alguns anos sem nos ver. A gente se desencontrou por completo. Confesso que sentia saudade de vê-lo amortilhar a sua comidinha, pacato, calado, amigo, infantil e comensal. Quanto a seu hábito, ou vício, eu não o aprovava, mas não o esgoelava, também; tolerava-o, com toda a minha inapetência. A gente não mastigava as mesmíssimas idéias. Éramos um o avesso do outro, mas nos dávamos muito bem, talvez por isso mesmo.

Até hoje, ainda não conheci uma pessoa que comesse e degustasse a vida de um modo tão singular e que conservasse suas convicções internas de um modo tão simples, objetivo, incansável, infinito. Remoía as coisas como se tudo na vida fosse saboroso. No fundo profundo, apetecia-me ser igual a ele.

Epaminondas era um sábio desportista, anti-competitivo, sóbrio, esperto e experto em matéria de garfo — e colher para tomar canjica! Nunca compreendi bem o mistério do seu ávido paladar. Talvez um analista moderno dissesse, para explicar



esse fenômeno de fagofilia, que Epaminondas comia um pouquinho a mais do que o normal, para suprir certa carência afetiva que lhe corroía, por ter sido criado sem os pais. Portanto essa gástrica manifestação era passiva e sua aparente gulodice seria um mero efeito psico-estomacal, que não causa obesidade.

Nem eu que era seu maior amigo, ingeria bem essa vida-de-Epaminondas. Só posso dizer é que fui estupidamente garfado por uma tristeza glutona que se chegou com um telegrama falando da sua morte, do enterro no dia seguinte. Soube, através das más línguas dos raquíticos da oposição, que ele havia se intoxicado com remédios de baixar apetite. Senti um forte calafrio no estômago, azia. . . , devo ter chorado. Meus olhos devem ter vomitado algumas lágrimas.

Sentia-me enfasiado. Cheguei ao cemitério em cima da hora. Lá, poucas pessoas conhecidas dele: seus avós, tios, primos, etc. Contava poucos amigos. Não era muito de cavar amizades. Restava-lhe apenas um buraco que a insaciável morte ou vida lhe cavara. A vida com seus talheres assassinos deglutiou e reduziu um grande artista às dimensões de um tosco buraco.

Acompanhei seus pais de criação até sua casa. Eles ainda choravam e preparavam o último prato de elogios para aquele menino. Chamavam-no de Minondas também. Fiz companhia por muitas horas, sempre pensando em fazer minha derradeira homenagem àquele artista. E foi folheando seu velho e empoeirado caderno de «Pensamentos» que descobri, em forma de frase, uma migalha de beleza e sublimidade de sua aspiração, que valeria sua lápide: «Como; a vida é bela».